ISSN: 2358-8829

A ESCUTA ANALÍTICA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA COMO DISPOSITIVO DE ELABORAÇÃO DA ANGÚSTIA

Ana Carolina Vieira de Brito [1]
Pamela Suelli da Mota Esteves [2]

INTRODUÇÃO

O trabalho docente se constitui em uma experiência atravessada por dimensões pedagógicas, políticas, institucionais e subjetivas. Ensinar envolve planejamento, transmissão de conhecimentos, construção de vínculos e mediação de processos de aprendizagem que não se desenvolvem de maneira linear e nem podem ser inteiramente previstos. Ao mesmo tempo, a escola pública contemporânea é convocada a responder a demandas crescentes por desempenho, eficiência, monitoramento e demonstração de resultados. Nesse cenário, o professor ocupa uma posição paradoxal: é responsabilizado pelos percursos de aprendizagem, embora os resultados escolares sejam produzidos por condições múltiplas, que ultrapassam sua ação individual.

No cotidiano das redes de ensino, avaliações externas, metas, indicadores e políticas de alfabetização passaram a compor de maneira expressiva a organização do trabalho pedagógico. Instrumentos como o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), bem como as ações vinculadas ao Compromisso Nacional Criança Alfabetizada (CNCA), integram um campo de políticas que busca acompanhar e estabelcer resultados educacionais. A questão não consiste em desconsiderar a importância do acompanhamento da aprendizagem ou defender a ausência de avaliação. Trata-se de interrogar os efeitos produzidos quando os indicadores deixam de funcionar apenas como informações para orientar políticas e práticas e passam a operar, no cotidiano, como parâmetros de julgamento, comparação e responsabilização dos sujeitos que trabalham na escola.

A angústia docente, nessa perspectiva, não pode ser compreendida exclusivamente como fragilidade individual, dificuldade de adaptação ou insuficiência de competências socioemocionais. Ela precisa ser situada na articulação entre a singularidade do sujeito e as condições concretas em que o trabalho educativo acontece. A intensificação das cobranças, a desigualdade social que atravessa os territórios, a complexidade dos processos de aprendizagem e a limitada possibilidade de controlar seus resultados compõem um complexo na qual os professores produzem sentidos sobre si, sobre os estudantes e sobre a própria função de ensinar.

A Psicanálise oferece uma contribuição específica a esse debate ao deslocar a compreensão do sofrimento de uma lógica exclusivamente adaptativa. Em “O mal-estar na civilização”, Freud (2010) discute como a cultura exige renúncias e estabelece limites que tornam possível a convivência, mas que também participam da produção de sofrimento. Em “Inibição, sintoma e angústia”, Freud (2018) reformula a relação entre angústia, perigo e defesa. Lacan (2005), por sua vez, retoma o problema e situa a angústia

[1] Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação (PPGECC/UERJ-FEBF) – RJ, carolbritolima@gmail.com;
[2] Doutora em Ciências Humanas e Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-RJ, pamelasme84@gmail.com.

em sua relação com o desejo, com o Outro e com aquilo que não se deixa apreender integralmente pela significação.

A aproximação entre Psicanálise e Educação não significa transpor a clínica para a escola, tampouco oferecer uma explicação psicológica para problemas institucionais. Voltolini (2011) ressalta que a interlocução entre esses campos exige reconhecer suas diferenças e os limites de qualquer pretensão de domínio completo sobre o ato educativo. A educação envolve uma dimensão de não saber e de imprevisibilidade, na qual não é possível antecipar todos os efeitos de uma palavra, de uma intervenção ou de uma experiência de aprendizagem. Essa condição pode produzir impasses, mas também constitui parte do próprio trabalho de educar.

É nesse horizonte que se situa a presente pesquisa, cujo campo empírico está previsto para duas escolas da Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro, localizadas no Complexo do Chapadão, território atendido pela 6ª Coordenadoria Regional de Educação. O estudo toma como participantes professores do Ensino Fundamental I, prioritariamente aqueles que atuam no 2º e no 5º ano, etapas especialmente atravessadas por expectativas de consolidação da alfabetização e por processos de avaliação. O recorte considera as relações entre angústia, avaliação, metas, indicadores de aprendizagem e responsabilização docente, sem perder de vista as condições sociais e institucionais em que a docência se realiza.

A questão que orienta a investigação é: como a escuta analítica pode contribuir para a compreensão dos sentidos atribuídos pelos professores à angústia vivenciada no exercício da docência, especialmente diante das atuais exigências de avaliação, desempenho e responsabilização pelos resultados da aprendizagem?

O objetivo geral consiste em compreender como professores do Ensino Fundamental I significam a angústia relacionada ao trabalho docente e de que maneira um dispositivo de escuta orientado pela Psicanálise pode favorecer a circulação da palavra e a elaboração de sentidos sobre essa experiência. Como objetivos específicos, busca-se identificar situações e discursos institucionais associados à angústia; analisar os sentidos atribuídos às avaliações, metas e indicadores; compreender como os professores narram os limites e as possibilidades de sua ação pedagógica; e discutir as contribuições e os limites da escuta analítica como dispositivo de investigação no campo educacional.

Parte-se da hipótese de que as exigências de desempenho e a responsabilização individual pelos resultados podem intensificar experiências de angústia quando desconsideram a complexidade dos processos de aprendizagem e as condições concretas do trabalho escolar. Considera-se, ainda, que um espaço de escuta pode favorecer a produção e a circulação de sentidos sobre tais experiências, sem que isso implique prometer a eliminação do sofrimento, oferecer tratamento clínico ou substituir ações institucionais de melhoria das condições de trabalho.

Por estar em andamento, a pesquisa ainda não dispõe de resultados empíricos concluídos. Assim, este trabalho apresenta sua fundamentação, percurso metodológico e eixos analíticos que orientarão a etapa de interpretação dos materiais produzidos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A noção freudiana de mal-estar permite compreender que a vida em sociedade não elimina o conflito entre as exigências coletivas e as possibilidades de satisfação do sujeito. Em “O mal-estar na civilização”, Freud (2010) discute como a cultura exige renúncias

pulsionais e estabelece limites que tornam possível a convivência, mas que também participam da produção de sofrimento. A leitura desse argumento no campo educacional não autoriza equiparar a escola à civilização em sua totalidade, mas permite interrogar como normas, ideais e expectativas institucionais incidem sobre os sujeitos que ensinam.

No trabalho docente, ideais como o professor que garante a aprendizagem de todos, responde às metas, administra conflitos, inova continuamente e demonstra resultados podem assumir a forma de exigências difíceis de sustentar. Quando tais ideais são apresentados como plenamente alcançáveis por esforço individual, as condições coletivas e estruturais que participam da aprendizagem tendem a desaparecer do debate. O professor pode passar a interpretar dificuldades complexas como falhas pessoais, mesmo quando elas envolvem desigualdades, condições de trabalho, trajetórias escolares diversas, ausência de recursos e limites próprios do processo educativo.

Em “Inibição, sintoma e angústia”, Freud (2018) revisita a teoria da angústia e a articula à situação de perigo, ao desamparo e aos processos defensivos. Para esta pesquisa, interessa menos aplicar categorias clínicas aos professores do que reconhecer que a angústia não é um dado transparente, imediatamente explicado por um acontecimento isolado. Ela pode aparecer em narrativas fragmentadas, contradições, silêncios, repetições e modos singulares de nomear o que acontece no trabalho. A investigação não pretende diagnosticar os participantes, mas compreender os sentidos que eles próprios constroem ao falar de suas experiências.

Lacan (2005), ao dedicar seu Seminário 10 à angústia, propõe uma elaboração que não a reduz à ausência de palavras ou a um medo identificável. A angústia mantém relação com a posição do sujeito diante do desejo e do Outro, sendo importante considerar que nem tudo o que afeta o sujeito se organiza de forma imediata em um relato coerente. Essa contribuição sustenta uma atitude de escuta atenta ao modo como cada professor constrói sua narrativa, sem pressupor que exista uma explicação universal para a angústia docente.

A noção de sujeito do inconsciente também introduz uma crítica à ideia de transparência de si. O sujeito não domina integralmente as razões de seus atos, escolhas e dizeres. Por isso, a escuta não se limita a recolher opiniões conscientes ou verificar respostas previamente esperadas. Ela considera a linguagem, os significantes que retornam, as ambiguidades e os deslocamentos que podem surgir quando os participantes encontram condições para falar. Isso não transforma o grupo focal em análise clínica: trata-se de uma orientação epistemológica e ética para a pesquisa, não de uma situação de tratamento.

No diálogo entre Psicanálise e Educação, Voltolini (2011) adverte contra a expectativa de que o saber psicanalítico forneça técnicas capazes de garantir o sucesso pedagógico. A contribuição está menos em prescrever métodos e mais em interrogar os ideais de controle que atravessam a educação. O ato educativo envolve uma relação com o saber, com o desejo e com a alteridade; por isso, seus efeitos não podem ser totalmente calculados. Reconhecer essa impossibilidade não significa abandonar a responsabilidade pedagógica, mas distinguir responsabilidade de onipotência.

Lajonquière (1999), ao discutir a ilusão psicopedagógica, problematiza a tentativa de transformar a educação em operação inteiramente regulável por conhecimentos técnicos sobre a criança. Essa crítica ajuda a pensar também a posição do professor:

quando se exige que ele domine todas as variáveis e produza resultados previsíveis, a dimensão de incerteza constitutiva do encontro educativo tende a ser tratada como falha. A escuta analítica pode abrir espaço para que os docentes falem sobre essa tensão entre o que lhes é demandado e aquilo que, no cotidiano, não se submete ao controle.

A dimensão institucional e política não pode, entretanto, ser dissolvida na singularidade psíquica. A angústia é vivida por sujeitos singulares, mas as condições que a intensificam podem ser compartilhadas e socialmente produzidas. A crítica às políticas de responsabilização exige observar como metas e avaliações são interpretadas, negociadas e incorporadas nas escolas, sem concluir antecipadamente que toda avaliação produz sofrimento ou que todos os professores vivenciam seus efeitos da mesma maneira. O foco está nos sentidos atribuídos pelos participantes e nas relações entre discursos institucionais e experiência docente.

Assim, a escuta analítica é tomada como dispositivo de pesquisa que sustenta a atenção à palavra e à singularidade, articulando-as às condições institucionais. Não se trata de procurar uma verdade escondida atrás do discurso do professor, nem de interpretar cada fala como sintoma. Trata-se de criar condições para que experiências frequentemente individualizadas possam ser narradas, confrontadas e pensadas em sua complexidade. A elaboração, neste estudo, designa a possibilidade de produzir novos sentidos e deslocamentos na maneira de narrar uma experiência, e não a promessa de resolução definitiva da angústia.

METODOLOGIA

A pesquisa adota abordagem qualitativa, de caráter exploratório, com orientação teórico-metodológica fundamentada na Psicanálise. Essa escolha decorre do interesse em compreender os sentidos produzidos pelos professores acerca de suas experiências, considerando a dimensão subjetiva da palavra e sua relação com os contextos institucionais. A investigação não busca mensurar níveis de angústia, estabelecer diagnósticos ou testar uma intervenção terapêutica. Seu propósito é analisar narrativas e situações discursivas relacionadas ao trabalho docente, às avaliações e às exigências de desempenho.

O campo está previsto para duas escolas municipais localizadas no Complexo do Chapadão, na área da 6ª CRE, no município do Rio de Janeiro. A seleção dos participantes será intencional, considerando professores efetivos do Ensino Fundamental I, prioritariamente em exercício no 2º e no 5º ano, com pelo menos três anos de experiência no magistério público. A previsão inicial é de participação de docentes das duas unidades, em número compatível com a disponibilidade e com os critérios de inclusão, preservando-se a qualidade da participação e a viabilidade dos encontros.

A produção de dados será realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, grupo focal presencial organizado em quatro encontros de aproximadamente 90 minutos e diário de campo. As entrevistas permitirão conhecer trajetórias, experiências e percepções individuais sobre o trabalho docente, as avaliações e as situações reconhecidas pelos participantes como geradoras de angústia. O roteiro terá questões abertas, evitando induzir respostas ou pressupor que os professores necessariamente vivenciem as avaliações como experiências negativas.

Os encontros de grupo focal serão organizados de modo a favorecer a circulação da palavra e o diálogo entre os participantes. As atividades e questões disparadoras serão

articuladas aos objetivos da pesquisa, contemplando situações do cotidiano escolar, expectativas institucionais, sentidos atribuídos aos indicadores de aprendizagem, limites da ação pedagógica e modos de lidar com situações de impasse. A condução buscará acolher divergências e silêncios, sem exigir exposição de experiências íntimas ou produzir interpretações clínicas sobre os participantes.

O diário de campo registrará aspectos do contexto, dinâmica dos encontros, condições de realização, observações da pesquisadora e questões surgidas durante o percurso. Com autorização dos participantes, entrevistas e encontros poderão ser gravados em áudio para posterior transcrição. Os registros serão organizados e analisados de forma articulada, preservando-se o anonimato dos participantes e das unidades escolares. Nenhuma fala será identificada por nome, função específica ou informação que permita reconhecimento indireto.

A análise será desenvolvida em diálogo com a análise de conteúdo de Bardin (2011), especialmente no que se refere à organização do corpus, leitura inicial, identificação de unidades de sentido e construção de eixos temáticos. Essa estratégia será articulada à orientação psicanalítica, que exige atenção aos modos de dizer, às recorrências, às contradições e aos não ditos, sem reduzir o material a categorias rígidas ou desconsiderar o contexto de produção das falas. As categorias serão construídas a partir do material empírico, em diálogo com os objetivos e o referencial teórico, e não tratadas como resultados antecipados.

Como a pesquisa está em andamento, os procedimentos de coleta e análise ainda serão realizados ou concluídos. A participação será voluntária, mediante apresentação dos objetivos, procedimentos, riscos e direitos dos participantes e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A submissão e a aprovação pelo sistema de ética em pesquisa pertinente deverão ser observadas antes do início dos procedimentos que envolvam participantes, conforme as normas aplicáveis. A pesquisa não se configura como atendimento psicológico, grupo terapêutico, supervisão pedagógica ou formação continuada; eventuais demandas de cuidado identificadas durante o percurso deverão ser tratadas com responsabilidade, respeitando os limites do estudo e os fluxos institucionais disponíveis.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por se tratar de uma investigação em andamento, esta seção não apresenta resultados empíricos, depoimentos ou categorias confirmadas. Apresenta, em seu lugar, os eixos teórico-analíticos que orientarão a leitura do material a ser produzido. Essa opção evita antecipar conclusões e mantém a distinção entre hipóteses de pesquisa, referencial teórico e achados efetivamente construídos no campo.

O primeiro eixo diz respeito à relação entre avaliação, desempenho e responsabilização docente. Interessa investigar como os professores compreendem os instrumentos de avaliação externa e as políticas de acompanhamento da alfabetização; que usos percebem desses dados; de que maneira metas e indicadores chegam ao cotidiano escolar; e quais efeitos atribuem a essas exigências sobre o planejamento, as relações pedagógicas e a percepção de seu próprio trabalho. A análise deverá distinguir a avaliação como ferramenta de diagnóstico e garantia do direito à aprendizagem de práticas de comparação ou responsabilização que possam emergir em determinados contextos.

O segundo eixo focaliza a tensão entre responsabilidade pedagógica e ideal de controle. A docência implica compromisso com a aprendizagem, mas não equivale à garantia individual de resultados homogêneos. A aprendizagem depende de condições materiais, histórias escolares, relações, tempos, políticas públicas e singularidades dos estudantes. A partir de Freud (2010), Voltolini (2011) e Lajonquière (1999), será possível discutir como ideais de eficácia e previsibilidade podem produzir impasses quando apagam a dimensão não controlável do ato educativo. O interesse não é naturalizar limites nem justificar práticas insuficientes, mas compreender a diferença entre reconhecer a responsabilidade docente e atribuir ao professor o domínio absoluto sobre processos complexos.

O terceiro eixo aborda as condições institucionais e territoriais do trabalho. A localização das escolas no Complexo do Chapadão exige considerar as desigualdades que atravessam o território e incidem sobre a vida escolar, sem reduzir os estudantes ou suas famílias a indicadores de vulnerabilidade. A análise deverá observar como os professores articulam as condições concretas de trabalho, os recursos disponíveis, as demandas das famílias, as trajetórias dos estudantes e as expectativas da rede. A angústia, nessa direção, não será isolada do contexto social e institucional em que ganha forma.

O quarto eixo trata dos modos de expressão e elaboração da angústia. A pesquisa buscará compreender como os docentes nomeiam situações de tensão, quais palavras e imagens utilizam para falar do trabalho, que contradições aparecem entre o ideal de professor e a experiência cotidiana e como a fala dos outros participantes produz aproximações, diferenças ou deslocamentos. A contribuição de Lacan (2005) permite sustentar a atenção à singularidade do dizer, enquanto Freud (2018) ajuda a evitar que a angústia seja tratada como uma reação uniforme e transparente. A análise não terá como finalidade interpretar clinicamente os participantes, mas compreender os sentidos que se produzem nas narrativas.

O quinto eixo examina as possibilidades e os limites do próprio dispositivo de escuta. Um espaço coletivo de palavra pode permitir que experiências vividas individualmente sejam reconhecidas em sua dimensão compartilhada, favorecendo a construção de perguntas sobre as condições de trabalho e os discursos institucionais. Entretanto, não se deve supor que falar produza automaticamente elaboração, nem que a participação em quatro encontros resolva conflitos ou reduza a angústia. O dispositivo será avaliado também por seus limites: assimetrias de participação, receio de exposição, relações de poder, constrangimentos institucionais e condições concretas de produção dos dados.

Esses eixos não constituem resultados prévios, mas orientações iniciais que poderão ser revistas diante do material empírico. A análise deverá acolher tanto experiências de sofrimento quanto narrativas de criação, reconhecimento, satisfação e resistência. Também deverá considerar diferenças entre os participantes, evitando construir uma figura homogênea do professor da escola pública. A hipótese de intensificação da angústia pelas exigências de desempenho será confrontada com as narrativas, inclusive quando elas apresentarem interpretações distintas ou contraditórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou os fundamentos e o percurso metodológico de uma pesquisa em andamento sobre a escuta analítica de professores da Educação Básica como

dispositivo de elaboração da angústia. A discussão parte do reconhecimento de que o trabalho docente não se limita à execução de procedimentos pedagógicos: envolve relações, expectativas, impasses e uma dimensão subjetiva que nem sempre encontra lugar nos discursos institucionais sobre qualidade e desempenho.

A interlocução com Freud e Lacan permite compreender a angústia como experiência complexa, que não pode ser reduzida a uma falha individual ou a uma resposta mecânica às condições externas. O diálogo com Voltolini e Lajonquière, por sua vez, contribui para interrogar os ideais de controle e previsibilidade que atravessam a educação. Essa articulação sustenta a importância de reconhecer os limites do ato educativo sem desresponsabilizar os sistemas de ensino pelas condições em que o trabalho acontece.

A escuta analítica é proposta como dispositivo de investigação e de circulação da palavra, orientado pela atenção à singularidade dos sujeitos e aos sentidos que constroem sobre sua experiência. Seu alcance não deve ser confundido com tratamento clínico ou solução individual para problemas institucionais. Ao contrário, a possibilidade de elaboração precisa ser articulada à discussão das condições de trabalho, das políticas de avaliação e das formas de responsabilização que incidem sobre os professores.

Como a etapa empírica ainda está em desenvolvimento, não é possível afirmar quais sentidos serão predominantes ou quais categorias resultarão da análise. A continuidade da pesquisa deverá confrontar os eixos aqui apresentados com as entrevistas, os encontros de grupo focal e os registros de campo, permitindo rever hipóteses e reconhecer a pluralidade das experiências docentes. Espera-se que o estudo contribua para ampliar o debate sobre a dimensão subjetiva do trabalho educativo e para defender a criação de espaços institucionais de escuta que não individualizem o sofrimento nem substituam políticas públicas de valorização profissional.

Por fim, compreender a angústia docente implica sustentar uma pergunta ética e política: que condições são oferecidas para que aqueles que ensinam também possam falar sobre o que os atravessa? Reconhecer a palavra dos professores não elimina os impasses da educação, mas pode tornar visíveis dimensões frequentemente silenciadas e ampliar as possibilidades coletivas de reflexão sobre o trabalho escolar.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização [1930]. In: FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, v. 18).

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia [1926]. In: FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 13-123. (Obras completas, v. 17).

LACAN, Jacques. O seminário, livro 10: a angústia (1962-1963). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. Infância e ilusão (psico)pedagógica: escritos de psicanálise e educação. Petrópolis: Vozes, 1999.

ISSN: 2358-8829

VOLTOLINI, Rinaldo. Educação e psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.